

# II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

## Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014  
ISSN: 2316-8285

## ENSINO DE HISTÓRIA E SUAS ABORDAGENS NA SALA DE AULA: A ESCRITA NA MESOPOTAMIA

Letícia Maria da Cruz Jardim<sup>1</sup>

Samanta Botini do Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** A presente comunicação pretende mostrar o trabalho realizado pelos alunos do PIBID no curso de graduação em História da UENP, com os alunos dos o 6º ano das turmas “D” e “E”, no Colégio Estadual Luís Setti, na cidade de Jacarezinho, PR. Neste trabalho será abordada a intervenção feita no Colégio, onde a temática da aula ministrada foi “A História da Escrita” onde foram trabalhados conteúdos sobre Mesopotâmia, priorizando na abordagem a importância e início do surgimento da escrita, como é usada e suas implicações na atualidade dentro do cotidiano dos alunos e na vida em sociedade.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Mesopotâmia. História da Escrita.

### Introdução

O Colégio Estadual Luiz Setti está localizado na Vila Setti, na cidade de Jacarezinho, PR. Contando com uma boa estrutura, adaptada a alunos com necessidades especiais, a escola oferece laboratório de informática, laboratório de ciências aos alunos, além de sala de vídeo contendo uma lousa digital, biblioteca com ambiente para leitura, além de cada sala contar com a presença da TV pendrive.

O subgrupo de bolsistas formado por cinco bolsistas, do qual os autores do trabalho participam, atua no colégio nas turmas “D” e “E” do 6º ano do Ensino Fundamental, que contam com 32 e 35 alunos por classe, respectivamente, e tem como professora titular da turma Nelci Silvério de Carvalho.

### Desenvolvimento

Até o ano de 1960, a metodologia e os conteúdos para se ensinar História ainda eram de uma História cronológica e elitista. Desde então, as propostas de mudanças foram se concretizando, tanto metodológicas, quanto de conteúdos de ensino, afim de manter uma conformidade entre os conteúdos e os métodos. “Professores promoviam alguns debates em face de um direcionamento que não se limita a renovar o método, mas almejava repensar a função social e política das disciplinas escolares, sobretudo da História.” (BITTENCOURT, 2005, p. 91). Dentre as mudanças proporcionadas por essa nova perspectiva de ensino, novas

<sup>1</sup> Graduanda curso de História da UENP, Campos de Jacarezinho.

<sup>2</sup> Graduanda curso de História da UENP, Campos de Jacarezinho.

práticas em sala de aula auxiliam o professor. Criava-se uma nova possibilidade de se ensinar, utilizando-se documentos, filme e músicas, por exemplo, não mais para se ilustrar o conteúdo ensinado, mas sim, como parte do material didático para ser utilizado na sala de aula.

A principal preocupação na elaboração dessa intervenção foi o uso do conhecimento escolar na vida cotidiana do aluno. Assim foram lançadas, como introdução da intervenção, questões sobre a vida deles em relação à escrita, como por exemplo, como seria possível fazer uma lista de compras sem a escrita, ou como registrar ideias para outra pessoa e que ela entendesse claramente o que foi registrado. Com essas questões buscou-se fazer uma ponte entre o conhecimento que estávamos passando aos alunos e o dia a dia, proposta nas Diretrizes Curriculares Estaduais:

Outro fator a se considerar e enfatizar são as perguntas “por quê?”, “como?”, “quando?” e “o quê?”. Ao propor questões como está não significa que estão sendo construídas problemáticas. Diante disto é fundamental ir além destas questões, considerando as seguintes possibilidades: levantar hipóteses acerca dos acontecimentos do passado, sendo que para isto professores/alunos devem recorrer às fontes documentais, preferencialmente partindo do seu cotidiano (PARANÁ, 2008, p.44).

Utilizando-se de uma abordagem temática da História, a intervenção realizada “A História da Escrita” teve o seu início fazendo um resgate a uma intervenção anterior, com a temática “A História e o Desenvolvimento das Cidades” também no conteúdo de Mesopotâmia, mostrando aos alunos que houve uma migração do campo para o espaço urbano e assim tornando essas sociedades mais complexas e com novas necessidades: “[...] as revoltas no interior do país levaram a uma migração significativa do campo para a cidade, fazendo com que a maioria da população se tornasse urbana.” (POZZER, 2003)

Os conteúdos abordados foram antecipadamente trabalhados pela professora e isso se mostrou interessante tanto para os alunos quanto para a professora, pois foi possível fazer uma análise do que foi aprendido nesse conteúdo e de que maneira a intervenção contribuiu para que houvesse um novo olhar dos alunos sob o mesmo conteúdo, os auxiliando com novos conhecimentos.

Na produção da intervenção buscou-se como metodologia de ensino a história temática. Fugindo da forma tradicional cronológica, e tentando mudar o olhar dos alunos sob a História, não como algo pré-determinado ou como se os acontecimentos fossem em uma ordem natural. Consiste em abordar conceitos importantes, porém dentro de uma temática específica, tal como aponta Circe Bittencourt: “a opção pela História temática, como também se denomina, é justificada, nas propostas curriculares, por variados motivos, mas, sobretudo que pretenda atender as necessidades da nova geração.” (BITTENCOURT, 2005)

Em diversos momentos da aula foram feitos questionamentos aos alunos, muitas vezes em forma de situação problema e sobre as atividades deles no seu círculo social, buscando dessa forma fazer com que eles próprios estabelecessem um conhecimento sobre o tema, fazendo do docente alguém que auxilia no conhecimento e não o impõe:

O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e as opiniões dos alunos mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem também para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades. (LIBÂNEO, 1994, p.250)

A intervenção foi didaticamente dividida em partes, para demonstrar aos alunos o desenvolvimento da escrita. Num primeiro momento, expomos aos alunos sobre o surgimento da escrita, levando em conta todo o contexto da Mesopotâmia, de um cenário onde o trabalho era totalmente voltado para agricultura e foi necessário um controle de produção. E também na vida em sociedade como um todo, na troca de informações entre as pessoas para que acontecesse de uma maneira em que todos, em qualquer circunstância se entendessem. Na abordagem seguinte foram explicadas as primeiras noções de escrita através de uma atividade lúdica, tendo em vista um melhor entendimento dos alunos, tal como sugere Bittencourt: “que as novas formas de apreensão do conhecimento ocorrem pela alternância entre a oralidade, os sons e o visual.” (BITTENCOURT, 2005, p. 108)

Foi utilizado massinha de modelar com a intenção de se imitar tabletes de argila mesopotâmicos, usados no processo de registro cuneiforme. Assim, foi usada uma cunha para inserir símbolos já conhecidos do cotidiano dos alunos nos tabletes de massinha, criando uma mensagem e uma recepção da mesma. Esperava-se mostrar aos alunos como eram feitos os primeiros tipos de escrita (passando desde os primeiros tipos de cálculos, depois para os desenhos e por fim sinais que foram desenvolvidos para que houvesse uma escrita em que fosse possível registrar sentimentos abstratos e que outra pessoa pudesse entender.

Em seguida, lançando mão de um rolo de madeira contendo figuras em alto relevo feitas a partir de linha colada à superfície e simulavam um objeto usado na escrita mesopotâmica, os alunos perceberam que era possível estampar no tablete a informação desejada, quantas vezes fosse o necessário.

Como foi de preocupação no momento de produção da intervenção, não deixamos somente o caráter informativo na aula, mas buscamos fazer com que os alunos pudessem refletir sobre como a escrita é importante. Foram feitos questionamentos aos alunos sobre os diversos motivos aos quais era e é importante escrever. A partir dessas questões e reflexões

falamos sobre como a escrita influenciou no direito e na burocracia da época, citando o Código de Hamurabi. Usando do Código de Hamurabi foi possível abordar a divisão social da Mesopotâmia, citando as classes sociais, focando nos escribas (pessoas de alta classe que se dedicavam aos estudos e eram os únicos que sabiam ler e escrever).

A atividade avaliativa que buscava analisar o que pode ser assimilado do aluno sobre a aula apresentada e seus conhecimentos do assunto consistia em ler o seguinte trecho de uma das leis do Código de Hamurabi:

Se um homem cegou o olho de outro homem, o seu próprio será cegado. Mas se o olho de um escravo pagará metade do valor desse escravo. Se um homem bateu, na face de outro homem que é igual a ele, pagará uma mina de prata, mas se bateu na face de um homem superior será açoitado sessenta vezes com um chicote de couro, se um escravo bateu na face de um homem livre, cortarão a orelha. (Hamurabi, 1772)

Feita a leitura do trecho pedia-se que os alunos interpretassem o que o trecho da lei e exporem as opiniões. Alguns alunos realizaram bem a atividade, falando um pouco sobre o trecho disponibilizado e colocando sua opinião, porém isso só foi possível devido a leitura conjunta e a explicação de cada item pedido. Nenhum dos alunos presentes se recusou realizar a atividade proposta.

Na realização da atividade avaliativa foi possível perceber um problema na interpretação de texto e na hora de organizar as ideias e as informações recebidas para colocar no papel. Os alunos foram participativos no que diz respeito à aula toda, fazendo perguntas e questionando. O maior das dificuldades percebidas na análise da atividade foi na interpretação.

## Conclusão

Foi possível observar como o interesse e participação nas aulas através dessa metodologia escolhida, e efetiva participação por parte deles, mudou a forma como eles, observaram, assimilaram e se mostram interessados ao longo das aulas pelo conteúdo trabalhado, pois a participação também gerou uma expectativa, por parte deles, o que facilitou também no desenvolvimento da atividade avaliativa, quando todos mostram entender do conteúdo trabalhado, já que participaram ativamente durante toda a aula. Por ser algo considerado “diferente” sob a ótica deles, despertou maior atenção, obtendo grandes resultados de interesse e aprendizagem.

Sendo assim, os recursos didáticos que prometem esse grande diferencial nas aulas, podem ser um bom auxílio para o professor com relação a ganhar o interesse dos alunos. Porém deve-se sempre utilizá-los com a devida preparação conceitual, para que não seja encarado por parte dos alunos também como uma aula de brincar.

### Referências Bibliográficas:

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História:** Fundamentos e Métodos. São Paulo: Cortez, 2005.

LIBÂNEO, J. C.. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Programa de Desenvolvimento Educacional.** Disponível em: <<http://www.pde.pr.gov.br/>>. Acesso em: 16 ago. 2014.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Colégio Luiz Setti - Blog.** Disponível em: <<http://www.jzoluizsetti.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1>> Acesso em: 16 ago. 2014.

POZZER, K.M.P. O exercício do direito na Mesopotâmia Antiga. **Revista Justiça e História**, v. 2, n. 3, 2002. Disponível em: <http://bdjur.stj.jus.br/dspace/handle/2011/65837>> Acesso em: 20 set. 2014

UNIESP, **Código de Hamurabi.** Disponível em <<http://www.uniesp.edu.br/faimi/revistajuridica/downloads/numero6/codigo.pdf>> Acesso em : 20 set. 2014.